



Yasser Arafat (ao centro): a questão palestina também foi levantada no encontro

Casablanca, um divisor de águas

A Conferência sobre Desenvolvimento realizada no Marrocos abre uma nova etapa nas relações entre árabes e israelenses

Mahmud Fuad

Nestas últimas décadas do século XX, nos acostumamos a ver os fatos acontecerem de forma vertiginosa. Mesmo assim, é surpreendente a rapidez da evolução da questão árabe-israelense desde a Conferência de Madri em 1991, que deu origem ao processo de paz. Há três anos, nem os observadores mais otimistas afirmariam que nesse curto espaço de tempo Israel e seus vizinhos árabes se disporem a lançar as bases de uma Comunidade Econômica do Oriente Médio e do Norte da África e a criar um Banco de Desenvolvimento da região.

No entanto, foram essas algumas das resoluções da Conferência de Casablanca, realizada em fins de outubro nessa cidade do Marrocos, famosa pelo filme protagonizado por Ingrid Bergman e Humphrey Bogart.

De alguma forma, este filme esteve na lembrança dos participantes e foi citado expressamente pelo chefe da diplomacia norte-americana, Warren Christopher, que, imitando o diálogo final entre Bogart e Claude Reims, previu que esse encontro "poderá ser o início de uma bela amizade".

No texto final, chamado Declaração de Casablanca – lido em árabe e em in-

glês por assessores do anfitrião, o rei Hassan II do Marrocos – as 720 autoridades de 60 governos presentes à reunião e mais de 1.600 representantes da iniciativa privada da África, Oriente Médio, Europa e Estados Unidos, expressaram a decisão de ajudar Israel e seus vizinhos árabes a caminhar para formas avançadas de integração econômica.

Dos países presentes na precursora Conferência de Madri, só dois, Síria e Líbano, não aceitaram o convite para estar em Casablanca. Irã, Iraque e Líbia não foram convidados.

Comunidade Econômica – Considerado o resultado mais importante e objetivo do encontro, a decisão de dar início a uma Comunidade Econômica exige a adoção de medidas que possibilitem em um prazo determinado a livre circulação de mercadorias, de capitais e de habitantes da região. E foi complementada com a resolução que estabelece um prazo de seis meses para que especialistas analisem mecanismos de financiamento de projetos, incluindo a criação de um Banco de Desenvolvimento do Oriente Médio e do Norte da África. Foi decidida, ainda assim, a imediata abertura de um Escritório Regional de Turismo, de uma Câmara Regional de Comércio e de um Conselho de Negócios.

Com tão importantes resoluções, os participantes da Conferência saíram do Marrocos convencidos de que se tinha dado o primeiro passo para reconstruir a economia da região e para consolidar o processo de paz. Como assinalou o chanceler brasileiro Celso Amorim, o único representante da América Latina na conferência, "a agenda de paz não poderia estar separada da agenda do desenvolvimento". Para os investidores estrangeiros, a estabilidade é uma condição indispensável para qualquer projeto de desenvolvimento futuro.

Mas o anfitrião, Hassan II, se encarregou de evitar a euforia excessiva, ao relembrar em seu discurso de encerramento que "ainda existem terras árabes ocupadas (por Israel) e é indispensável a criação do Estado palestino para que a estabilidade perdure na região".

O pano de fundo político – A Conferência de Casablanca foi possível, entre outras razões, pela assinatura poucos dias antes – em 26 de outubro – do tratado de paz entre Israel e Jordânia, após 46 anos de estado de guerra entre ambas as nações. "Chegou a hora não de simplesmente sonhar com um futuro melhor, mas de construí-lo", disse o primeiro-ministro de Israel, Yitzak Rabin, nessa oportunidade.

Mas, como alertou Hassan II, todo o processo pode ficar comprometido se não se acelerar a devolução das terras árabes que permanecem ocupadas. Ou seja, se não avançar a negociação que conduzirá à proclamação do Estado palestino, se as colinas de Golá não voltarem ao controle da Síria e se Israel não se retirar definitivamente do sul do Líbano.

Esta última questão, a retirada do sul do Líbano, nem sequer consta ainda da agenda de negociações, mas foi citada pelo presidente sírio Hafez Assad durante a rápida visita de Bill Clinton à Síria.

As sementes da estabilidade e da paz estão lançadas. Para completar o processo de germinação falta irrigá-las com a mesma flexibilidade e sabedoria demonstradas até agora.

Os extremistas de Israel e do lado árabe continuarão apostando no caos. Mas na medida em que forem surgindo soluções para os impasses, eles perderão o oxigênio que os alimenta. ■